

## **“Dizer sem falar”: A defesa do negro na obra machadiana**

Berkeley Kershisnik

Levando em conta as circunstâncias em que Machado de Assis nasceu, é ainda mais incrível ver o nível de sucesso a que ele chegou. Por ser pobre e mulato, ele quase não tinha chance de subir na sua sociedade, mas mesmo assim conseguiu publicar vários poemas, peças de teatro, contos e romances que criticaram profundamente a sociedade que oprimia a classe social de onde ele vinha. Apesar de ser criticado por ter estado ausente da política da época com relação à escravidão e aos afrodescendentes no Brasil, há muita evidência na sua obra que prova seu envolvimento político, mas, mantendo seu estilo único, Machado criticava o mau tratamento dos negros no Brasil empregando ironia—chamando atenção ao assunto mostrando o avesso. “Parece que [Machado] não lida, e sim esquece ou menospreza o tema do negro brasileiro. Mas na verdade é aí que se encontra uma das raízes da sua forma de observar, criticar, parodiar um mundo social que pode ver desde uma perspectiva diversa, de baixo para cima, às avessas” (Duarte 142).

Machado de Assis conhecia bem as consequências de ser negro ou mulato na sociedade brasileira de sua época, e também as consequências de falar contra a desigualdade social que os negros enfrentavam, mesmo que estivessem livres da escravidão. Por isso, “Machado deliberadamente produzia sua obra para leituras em diferentes níveis de compreensão e cujos símbolos permitem desvelar a própria mecânica que ele denuncia em suas histórias” (Vital 37). Com essas várias leituras dos textos machadianos, o autor abriu um espaço para poder fazer sua crítica da desigualdade racial sem chamar atenção à sua própria mulatice, disfarçando-a como as outras críticas. “Reconhecer-se como mulato e empunhar tal bandeira no contexto de sua produção literária teria sido, certamente, um fator para leituras distorcidas e teria influenciado na recepção de sua obra, à época, de uma forma cujo impacto talvez seja difícil calcular” (37). Sem

“levantar a bandeira” contra racismo como outros autores fizeram, Machado empregou um novo estilo para poder ser aceito na própria sociedade que ele criticava, e fez isso exatamente para poder publicar suas críticas e tentar transformar sua sociedade pela moralização do povo—não para ignorar suas origens.

Eduardo de Assis Duarte citou o jornal do dia 13 de maio de 1893 em que Machado revelou sua alegria por causa da votação da lei da abolição de escravidão: “Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, *eu o mais encolhido dos caramujos*, também eu entrei no préstito... todos respiravam felicidade, tudo era delírio” (150). Duarte ressalta a maneira em que o autor humildemente pediu perdão pela maneira clandestina em que ele se opunha ao regime pelo qual tantos foram vitimados e explica: “The shellfish metaphor summarizes it all. Fiction constructed the artist and protected the man from the storms of his day. A shellfish not quite always so clammed-up, Machado knew how to be a warrior, conscious of his weapons and his targets” (150). Este trabalho apresentará as críticas da ausência política de Machado de Assis, os motivos pelos quais ele se rebelou contra o regime escravocrata na maneira em que fez e um exemplo de um narrador, Brás Cubas, que exemplifica sua crítica social e política com relação a raça, feita numa maneira perfeitamente alinhada com seu estilo único e além de seu tempo.

### **A crítica da ausência política**

O autor mulato foi criticado várias vezes por sua aparente falta de preocupação com a realidade brasileira de sua época. Na superfície, essa acusação parece ser válida, pois ele não lançava protestos explícitos contra a instituição da escravidão no seu país nem colocava personagens negros como o centro das atenções na sua obra. Mailde Jerônimo Trípoli resumiu a crítica contra Machado: “O que se afirma é que o autor, envergonhado de sua origem, faz o

possível para escondê-la, sendo um de seus recursos sequer mencionar o assunto. Negros e mulatos não teriam espaço em suas obras” (89). O motivo pela crítica contra a sinceridade de Machado também foi apresentado por Duarte: “The absence of a black protagonist in any of his fictional works, in large measure support the thesis of a Machadian absenteeism with regard to the subject of slavery and interethnic relations in nineteenth-century Brazil” (135). Paul Dixon cita críticas que apontaram para o fato de que Machado imitava a literatura estrangeira e assim ignorava sua raiz brasileira e negra durante o movimento nacionalista no Brasil: “Gilberto Freyre...claimed that Machado was blind to the flora and fauna of his native country...Mário de Andrade saw Machado as a man seeking to ignore his particularly Brazilian heritage, especially concerning his racial mixture, by imitating English literary model” (51). Embora Machado tivesse uma mania de citar autores estrangeiros, ele fazia isso para elevar e educar seu povo, e não para desprezá-lo.

Tais críticas apresentam a ideia de que o autor se preocupava mais com sua própria ascensão social do que a mudança duradoura da sociedade ou a formação única e autêntica da identidade brasileira num momento da definição de classes sociais e da influência europeia. Dixon continua: “Such judgments reinforced accusations of the author’s political ‘absenteeism’, dating from his own contemporaries, and created the highly questionable sense of his being disconnected from his political and social background” (52). Contudo, os mesmos escritores que citaram críticas contra Machado também argumentam que esses críticos erraram e que esse grande autor certamente estava presente na questão do tratamento do negro na sua sociedade.

Duarte, que apresentou a crítica acima da falta de protagonistas negros na obra de Machado, também analisa o outro lado do argumento, propondo que aqueles que baseiam sua crítica nesse aspecto da obra não entenderam seu estilo e uso de ironia e do não-dito (e no caso, o

não-apresentado) para servir como reflexo de sua crítica: “Machado’s detractors have based their arguments on the elusive presence of black characters in his short stories and novels. Said detractors judge Machado on the basis of the often misunderstood artifices of the fiction writer. Thus, the detractors pay little attention to Machado’s implacable criticism of the pro-slavery regime” (138). Ao analisar o motivo pelo qual Machado de Assis disfarçou sua crítica com relação a escravidão e ao tratamento dos negros e mulatos, revelam-se muitos exemplos em seus textos da maneira em que sua crítica foi apresentada de uma forma única que não apenas responde às acusações de ele estar ausente do palco político, mas demonstra sua alta preocupação com o assunto.

Entre várias críticas que Machado faz na sua obra, encontra-se a crítica que certamente era muito importante para o autor—a questão da raça e do regime escravocrata. Por ser um assunto extremamente delicado na época em que ele viveu, Machado tratou sua crítica de uma forma tão genial que os próprios membros da elite pudessem aceitá-la por parecer ter vindo de personagens brancos de sua própria classe social através da voz dos narradores. Embora poucos leitores entendessem sua crítica naquela época, hoje em dia há bastante evidência para comprovar que Machado cuidadosamente construiu sua crítica contra a classe que praticava a escravização do elemento africano e que ele participava com maior interesse nas questões políticas e raciais de sua época.

### **Os motivos do estilo da crítica machadiana**

Para entender o motivo pelo qual Machado disfarçou sua crítica do tratamento do negro na sociedade, é preciso entender o momento histórico e a dificuldade que existia dos ex-escravos se integrarem na sociedade. Selma Vital descreve a situação política e social no momento em que Machado de Assis entrou no palco literário:

Depois da proclamação da República, sob forte influência positivista, passou a ser regra para muitos dos homens de letras e políticos brasileiros tentar pintar a imagem de um país moderno...Com o fim do sistema escravista, para muitos símbolo do atraso nacional, restava ainda um obstáculo para a inserção do país nesta agenda importada e moderna: a própria identidade étnica do brasileiro. A alta porcentagem de população miscigenada—uma situação condenada pelas teorias científicas vindas dos centros intelectuais do mundo—a *priori* comprometia a identidade nacional e o futuro do país. (9)

Sendo ele próprio um exemplo da miscigenação e assim vindo de uma classe condenada, ia ser muito difícil para Machado expressar sua oposição às regras sociais que desprezavam os negros e mulatos. Renata Wasserman percebeu: “When Machado de Assis was turning himself into the greatest Brazilian writer of the nineteenth century, it was not fashionable, and certainly not viable, in a business sense, to highlight his African ancestry” (85). Contudo, não ressaltar um assunto abertamente não quer dizer que o autor não se preocupava com ele, nem que ele não ressaltava o assunto de uma maneira disfarçada para combater a ideia da “condenação” que a miscigenação trazia.

Embora Machado certamente quisesse reforçar a igualdade intrínseca de todos os membros da sociedade, ele entendia que não teria sucesso se não utilizasse os meios aceitos pela sociedade para fazer sua crítica, pois o que valeria seu ponto de vista (mesmo que fosse justo) se ninguém nem chegaria a ler suas obras? Vital concorda com Wasserman e defende Machado por ter tomado cuidado com a maneira como ele se apresentou através de sua obra: “Sua deliberada isenção política teria, então, o objetivo de evitar chamar a atenção para a sua própria mulatice, como creem alguns críticos, e até mesmo para o fato de que sua doença, a epilepsia, naquele momento, facilmente seria associável à sua identidade racial” (21). Para proteger e assim livrar os negros e mulatos dos preconceitos que existiam mesmo depois da abolição de escravidão, parecia que Machado se tirou de suas obras não colocando protagonistas negros, mas incorporou o elemento negro de outra forma para poder apresentá-lo. De acordo com Duarte, “Machado does not elevate his Afro-descendant characters to the status of epic heroes of the race... which

would compromise the credibility the day to day urban life represented in his literary texts” (143-4), mas ele também não propagava os estereótipos comuns da época senão para ridicularizá-los como parte de sua crítica.

Para entender a maneira machadiana de tratar com o assunto racial, é também preciso explorar a questão de sua posição social em comparação com a de seu público, pois embora ele conseguisse uma educação pelo seu próprio esforço, outros membros da classe baixa não tinham a mesma visão. Então ele escrevia para apresentar os problemas de toda a sociedade, sempre consciente do fato de que somente os membros da classe alta leriam sua obra, quando muito: “Upon analyzing the manner in which Machado portrays blacks and the tense relations imposed by slavery, one cannot lose sight of his intended audience, consisting of mainly upper-class readers” (Duarte 146). Então, para poder criticar justamente o público alfabetizado, Machado desenvolveu uma nova maneira de apresentar seus textos para que ele pudesse revelar os problemas sociais: “by opting to criticize many of the attitudes and actions of the elite, the writer, often via a transverse approach, broaches issues and delves into the origins of the great social wound of his time” (146). Sabendo que os membros da classe que ele tentava representar não conseguiriam ler seus textos, ele se concentrou em outra audiência e assim foi à própria fonte da desigualdade social: a elite. “Assim, falando de uma posição distanciada, usando argumentos que sugerem cumplicidade com aqueles a quem se dirige, Machado aponta sua crítica e lança, no alvo, os seus dardos” (Trípoli 124).

Apesar das evidências da necessidade que Machado tinha de fazer sua crítica de uma maneira sutil, pode ser que alguns ainda desconfiem de sua sinceridade e preocupação com sua linhagem africana. Para demonstrar o motivo pelo sucesso de Machado, Wasserman faz uma

comparação entre ele e Lima Barreto, que também denunciava a escravidão, mas de uma forma tão áspera que ele foi rejeitado pela sociedade que criticava:

In terms of their reputation, any contest between Machado de Assis and Lima Barreto is lopsided: Assis is the great man of Brazilian literature, comparable to the best that the world has to offer. Barreto is the ‘cursed’ writer, who, unlike Machado de Assis, was often jobless, drank too much, consorted with bums, was placed in an insane asylum, and instead of carefully crafted and worded innovative works, wrote strident satire and disheveled novels in which his anger at the incompetence of government, at the treatment of the poor, the black, the female, and the old kept breaking through and playing havoc with structure and rationale. (85)

Embora não houvesse dúvida da posição de Lima Barreto perante a questão da desigualdade racial no Brasil, sua carreira teve um resultado muito diferente do que a de Machado de Assis e, ao se analisar a obra de Machado, se torna evidente que ele se opunha à escravidão tanto quanto Lima Barreto, mas se destaca na literatura brasileira justamente por ter conseguido se expressar sem fazer com que todos virasse as costas para ele ou para sua obra.

Duarte concorda com isso e enfatiza a força que os estereótipos dos negros tinha na época da pós-abolição e como faziam com que qualquer pessoa negra que quisesse subir na sociedade tinha que utilizar meios incomuns para conseguir. Ele sugere: “The thesis of the inherent inferiority of blacks and mestizos...became confused with the ‘truth’” (137), então a repressão supostamente merecida e a imagem supostamente válida até viraram verdade absoluta para muitos membros da sociedade, inclusive para alguns negros e Machado tinha que enfrentar tal obstáculo de uma maneira cuidadosa para evitar uma morte social durante sua carreira.

O estilo de Machado talvez fosse desenvolvido justamente por causa de sua situação social, pois além de procurar demonstrar o lado psicológico de seus personagens e educar o povo, ele deixa lacunas no texto para o leitor preencher e, no caso da questão de raça, pode ser que ele tenha feito isso por não poder fazer uma crítica direta óbvia e ainda ser aceito como escritor. Segundo Trípoli: “Irônico e sarcástico, Machado de Assis enfoca os diversos estágios do

período abolicionista, as manipulações dos senhores, a violência inerente ao sistema de dominação. Faz isso, ora de forma direta, ora dissimulada, mas preservando um distanciamento crítico e lançando mão dos recursos de estilo que lhe eram comuns” (120). É claro que ele queria um leitor que tivesse educação, que pensasse e participasse na leitura, mas esse estilo que ele desenvolveu para poder moralizar o povo também serviu como palco para ele poder apresentar suas queixas da sociedade pelo ponto de vista de alguém com mais poder de persuasão aos olhos de sua audiência, ou seja, pelo ponto de vista de seus narradores.

### **A comunicação pelo silêncio**

Ao avaliar os textos de Machado, sua crítica dos problemas raciais no Brasil se torna clara: “The author was indeed dedicated...to the struggle for abolition, and not merely as a journalist. Machado was an active collaborator and an activist of the *Gazeta de Notícias*, one of the most widely circulated newspapers in the Court, whose positions were openly against slavery” (Duarte 136). Além disso, Machado também publicava textos sob pseudônimos para poder expressar sua posição política sem medo de ser rejeitado por causa da cor de sua pele. De acordo com Duarte, essa prática era comum na época de Machado por causa da opressão social: “disguised authorship was a prudent attitude, valued by nearly all the great journalists of the time, for it allowed for shameless commentary, which under your own name you could not enjoy” (138). Contudo, a crítica de Machado não somente da escravidão, mas da dominação da classe alta em toda circunstância, aparece não somente nos jornais e crônicas, mas em toda sua obra. Seus textos publicados sob seu próprio nome (sem precisar usar um pseudônimo), demonstram a maneira em que o estilo de Machado deixou que ele fizesse sua crítica ao nível da leitura não-óbvia para que pudesse ser publicado e lido, mesmo que não fosse completamente entendido durante a época em que ele vivia.



Um dos disfarces que Machado utilizava para esconder sua crítica (escondida para forçar o leitor a participar na leitura e assim encontrá-la), era, ironicamente, o enfoque nos protagonistas e narradores brancos:

What characterizes many of Machado's novels is the use of the intractable proceedings. These, together, make up a 'poetics of dissimulation'. The latter refers to indirect and oblique treatment; the ironic discourse replacing preemptive speech; the unifying focus of national issues; the constant parody of myths and hegemony founding narratives; the de-masking of the slave-owning class by satirizing the holders of power; and all of this leaks out through a language characterized by several types of disguises, including that of the narrative focus itself. (Duarte 147)

Há muitos exemplos da aparência do tema de dominação racial na obra de Machado nos contos.

Fazendo referência ao conto "Mariana," Duarte notou: "A number of Machadoian works depict... women of color treated as sexual objects who, despite all, rise to take control of their own lives, even if it means seeking suicide" (141-2). Trípoli também comentou: "Como podemos observar, Machado, nas crônicas, fala muito mais abertamente sobre a escravidão e seus problemas" (126), por exemplo, no conto "Pai contra mãe". Nesse conto, o protagonista Candinho diz: "'nem todas as crianças vingam', Such an assertion carries much social meaning, especially with respect to how the death of the black child provides the 'salvation' of a white child" (Duarte 143). Este exemplo mordaz demonstra os verdadeiros sentimentos de Machado e serve como "o ponto do iceberg" para a interpretação de seus textos mais difíceis de se decifrar no contexto de problemas sociais.

### *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Em muitos casos, a crítica de Machado é mais sutil, pois em muitos casos os personagens principais não são negros. Entre vários exemplos na obra machadiana, destaca-se o narrador Brás Cubas—um exemplo da maneira como Machado chamou atenção à questão da raça colocando um narrador da classe dominante. No último capítulo do romance, Brás Cubas resume sua vida e,

apesar de todas suas falhas, comenta: “coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor de meu rosto” (165), que o coloca acima da classe dos ex-escravos. O narrador apresenta a metáfora da ponta do nariz para representar sua posição social e a dominação dessa classe: “For Brás the contemplation of one’s nose is not the ‘sublimation of the being’...but forms the core of a particular political being, the seigniorial class, living at the apogee of its power and social prestige during the Brazilian Empire” (Chalhoub 172). Ao contar a história de sua vida, ele confessa o mau tratamento das classes mais baixas e a raças supostamente inferiores.

Duarte ressalta um exemplo da dominação da classe e raça de Brás Cubas:

Prudêncio, um moleque de casa, era o cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia—algumas vezes gemendo—mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um —‘ai, nhonhô!— ao que eu retorquia: ‘Cala a boca, besta!’ . (17)

Nesta cena, Machado ridiculiza o tratamento dos negros com um exemplo de divertimento infantil, que critica severamente a situação social dos adultos da classe alta. Da perspectiva do narrador ao escrever sua memória, esse tipo de tratamento era completamente aceitável. De acordo com Duarte, com este exemplo Machado critica a animalização do escravo e sua posição na hierarquia social: “Moreover, the slave-owner’s perspective, embedded in the posthumous memoir, holds the maltreatment of be an acceptable act of mischief, equivalent a pinch on the matron’s arms or the hiding of guests’ hat” (149).

Ao fazer esta comparação, o autor convida o leitor a distinguir entre a voz do narrador e autor para que possa perceber o sarcasmo de Machado, pois aquilo que o narrador diz e faz com tanta confiança é ridicularizado pelo autor para mostrar sua crítica desse tipo de tratamento para com os negros. Trípoli cita Heloisa Toller Gomes para analisar esse tipo discurso que convida o leitor a participar no diálogo—um diálogo que “sem polemizar sobre as questões escravistas e raciais, traz forte potencial crítico e convida à reflexão. Para percebê-lo, [Gomes] sugere uma

leitura em que se atente para a tríade narrador-leitor-texto e também que se mantenha a ‘saudável desconfiança em relação ao narrador’, sugerida por John Gledson” (90). Um motivo pelo qual os leitores da época de Machado não entendiam sua obra era porque eles não sabiam distinguir entre a voz do narrador e autor, então era provável que eles confiassem na voz do narrador, que faria com que eles não percebessem a ironia do texto.

Mesmo que o diálogo do narrador seja a verdade aos seus próprios olhos (pois de sua perspectiva depois da morte, não tem porque mentir), é importante o leitor se lembrar do fato de que os narradores de Machado têm um papel importante na interpretação dos textos, e é preciso levar em conta a personalidade e posição do narrador. Duarte também percebeu o seguinte: “What is most compelling with respect to all of this is the discarding of bombastic rhetoric and the disguising of the authorial voice. By means of this technique Machado avoids the lampooning tone present in so many abolitionist texts” (147). Essa maneira de utilizar o narrador como intermediário entre o leitor e narrador faz parte da tática que Machado usava para não chamar atenção à sua própria raça e posição social, mas criticar a sociedade do ponto de vista do narrador branco.

Outros exemplos do desprezo que Brás Cubas tem pelos membros “inferiores” da sociedade são a borboleta que ele matou por ela ser preta, e Eugênia (cujo próprio nome lembra o leitor da questão de eugenia): “The butterfly’s blackness and the girl’s birth defect were natural characteristics, not social constructs. Brás sorted them out for extinction and humiliation because they were seen as naturally or biologically inferior, apparently unequipped to survive life’s necessary struggles” (Chalhoub 181). Através de tais exemplos, Machado demonstra a falta de justificção por trás do modo de pensamento da classe alta da sociedade com relação aos negros e mulatos. Por meio de um narrador como Brás Cubas, “O escritor arranha o mito da

superioridade branca, apontando-lhe as fraquezas, ironizando e ridicularizando as atitudes ambíguas, as ideias deslocadas” (Trípoli 120), e faz isso apresentando a confissão de um escravocrata. Duarte também comentou na importância do disfarce da crítica machadiana nesse romance: “The criticism comes disguised as a self-critique: it is the slave master who speaks and who becomes the subject of a corrosive discourse whose biggest target is, from the beginning, himself” (147). Dessa maneira, a crítica contra a classe rica e branca é feita pelos membros da mesma, em vez da voz da crítica vir de um escritor mulato.

“What is most ingenious is that by means of the disguising principle that organizes the narrative, the externalized view functions as if it were both internal and external. It emerges as a kind of coming to terms with the dominant class’s historical guilt” (Duarte 147-8). Machado criou um narrador que não somente faz parte da classe dominante da sociedade, mas que está morto, então pode resumir sua vida de uma forma objetiva e honesta, e assim confessar todos os pecados da classe alta. Dessa maneira, os membros da classe alta recebem a crítica por um ponto de vista que eles reconheciam. Contudo, para entender a crítica, é preciso o leitor perceber que a voz de Machado está por trás do narrador, que vira as palavras escritas pelo narrador de cabeça para baixo: “In its directness, this story belies the indifference of the narrative voice throughout, and reveals it as a cover and a deflection of pain and also as a characteristically aggressive stance against itself and the reader, whom Machado de Assis accuses, flatters, and disdains at the same time”—um leitor da classe alta (Wasserman 92),.

Apesar dos críticos que acusaram Machado de Assis de não ter se preocupado com os problemas raciais de sua sociedade, há muitas provas (por exemplo, o narrador Brás Cubas) de que a crítica das classes dominadoras com relação aos negros e mulatos estava presente de uma forma deliberada na obra do autor. Ele não ignorava sua origem humilde, mas estava lutando

para acabar com o sofrimento dos membros de sua classe: “Na verdade, o escravo—negro e mulato—está presente nos romances, contos e crônicas de Machado, tão verossimilhante quanto na sociedade escravista da época” (Trípoli 90-91). Contudo, como ele faz com uma boa parte de sua crítica, Machado coloca a crítica ao nível da segunda leitura para que sua voz tenha que ser descoberta pelo leitor. Ele expressa seus sentimentos verdadeiros, muitas vezes, dizendo o contrário e fazendo com que o leitor tenha que “atentar os ouvidos para os silêncios que se mesclam à narrativa machadiana, pois o silêncio, já sabemos, não é o vazio da comunicação, mas uma forma desta em si mesma. E dizer sem falar parece ter sido uma das habilidades do discurso irônico e humorístico de Machado de Assis” (90). Por ser mulato, o autor empregou essa tática para poder apresentar sua crítica do racismo de sua época, mas também é exemplo do estilo único do autor que, infelizmente, não era bem entendido durante sua vida apesar de ele ser aceito como escritor.

O gênio de Machado se encontra na sua capacidade de não somente subir na sociedade, mas ao mesmo tempo tentar moralizar o povo e construir uma identidade e literatura nacional que incluísse membros de todas as classes sociais:

Acontece que o autor conseguiu ir longe também pela capacidade de diferenciar os vários papéis que lhe cabia desempenhar: gentil na lida com os semelhantes e exemplar como funcionário público, produzia literatura com uma paixão e uma consciência raras. Assim se explica que tenha pago o preço da incompreensão por conciliar a luta pela alforria dos escravos com o privilégio de uma escrita trabalhada o suficiente para escapar às circunstâncias, em afirmação, a um só tempo, de sua própria obra e da literatura nacional. (Bastos 171)

Machado de Assis era um escritor muito além de seu tempo e talvez fosse por isso que o público de sua época não entendesse sua obra, e também que críticos sugeriram que Machado tentou apagar suas origens ao subir na sociedade porque também não entenderam que ele dizia tudo pelo não-dito no seu estilo irônico. Trípoli descreveu a posição de escravidão na obra machadiana dessa maneira: “A escravidão está em muitas das obras de Machado, não como

moldura, ou pano de fundo, no desenrolar na narrativa, mas como elemento com o qual ela interage. A história é fermento no bolo da ficção machadiana. Ficção que ele recheia com sua visão humanista, sua crítica mordaz, sua astúcia e ironia” (130).

Por meio da colocação de seus narradores, por exemplo nos contos e o narrador em primeira pessoa, *Brás Cubas*, Machado claramente criticava a dominação de uma classe por outra num momento histórica em que a identidade brasileira estava sendo formada—uma identidade que ele acreditava deveria incluir várias raças, inclusive os mulatos, como ele mesmo era. A metáfora do caramujo descreve bem a maneira em que Machado tratou a questão de sua raça—à primeira vista parecia que ele não incluía o elemento negro, mas isso era de propósito, pois o autor certamente não era calado, mas fazia sua crítica de uma forma disfarçada. Como sempre—ironicamente—a ausência do negro na obra machadiana refuta as críticas da ausência de Machado do palco política de sua época criando um auto-retrato da classe alta para mostrar as injustiças da elite, pois no caso desse autor gênio, às vezes a ausência fala mais alto do que o grito.

## Bibliografia

- Bastos, Adauri. "A vida literária de Machado de Assis e o negro em seu tempo". *Machado de Assis e a escravidão*. Orgs. Gustavo Bernardo, Joachim Michael, Markus Schäffauer. São Paulo: Annablume Editora, 2010. Print.
- Chalhoub, Sidney. "What Are Noses For? Paternalism, Social Darwinism and Race Science in Machado de Assis". *Journal of Latin American Cultural Studies* 10:2 (1002) : 171-191. Web. 4 dec 2012.
- de Assis, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. New York: Luso-Brazilian Books, 2004. Print.
- Dixon, Paul. "Machado de Assis, the 'Defunto Autor' and the Death of the Author". *Luso-Brazilian Review* 46:1 (2009) : 45-56. Print.
- Duarte, Eduardo de Assis. "Machado de Assis's African Descent". *Research in African Literatures* 38:1 (2007) : 134-151. Web. 12 oct 2012.
- Trípoli, Mailde Jerônimo. *Imagens, Máscaras e Mitos: O negro na obra de Machado de Assis*. Campinas: Editora Unicamp, 2006. Print.
- Vital, Selma. "Machado de Assis: Preto de alma branca? Questões étnico-raciais no conto machadiano". Diss. University of Illinois at Urbana-Champaign, 2009. Print.
- Wasserman, Renata R. Mautner. "Race, Nation, Representation: Machado de Assis and Lima Barreto". *Luso-Brazilian Review* 45:2 (2009) : 84-106. Web. 4 dec 2012.